

5. Metodologia: análise de conteúdo e pesquisa-ação

Considerando que o objetivo principal desta dissertação é sedimentar conhecimentos sobre o âmbito do desenvolvimento de projetos de Design da Informação para situações de interesse público, particularmente estudando como e com que finalidade eles foram desenvolvidos, após esboçar brevemente, no primeiro capítulo, o percurso brasileiro do Design relacionado às questões sociais; discutir as perspectivas e fundamentos atuais para este campo, no segundo; e conceituar as noções de Design da Informação em situações de interesse público no terceiro; parto agora para o estabelecimento de um diálogo mais próximo com os diferentes setores da sociedade que trabalham este tipo de Design. Este é um passo natural da pesquisa que se orienta por um viés qualitativo, já que esta categoria de investigação social objetiva a compreensão, sendo uma prática importante deste tipo de investigador, a capacidade de ver através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados (Bryman, 1988 *apud* Bauer, M. & Gaskell, G., 2002: 32)¹ Ainda sobre este enfoque metodológico, segundo Bauer & Gaskell (2002), se comparado ao quantitativo, o método qualitativo é intrinsecamente mais crítico e emancipatório, já que defende a necessidade de compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo.

Deste modo, após o estudo visando fundamentar minhas questões e pressupostos, comecei abordando o assunto através de um levantamento de dados no qual pude identificar que diferentes setores da sociedade - instituições públicas, instituições privadas, ONGs e setor acadêmico - desenvolviam projetos com este objetivo. Uma vez encontradas as instâncias que desenvolviam os projetos dentro do meu recorte de investigação realizei, posteriormente, uma criteriosa seleção para escolher alguns entrevistados. Foram selecionados 4 profissionais no intuito de compreender como e com que propósitos particulares tais projetos foram produzidos. Este rico material proveniente da transcrição das entrevistas constitui meu *corpus* principal de pesquisa cuja interpretação permitiu-me abordar algumas questões importantes.

¹ BAUER, M., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som** . Petrópolis, Vozes: 2002.

Contudo, segundo Bauer & Gaskell (2002), o cientista cultural precisa aprender a falar a língua que ele interpreta. Partindo deste pressuposto, me propus participar, durante os dois últimos anos do grupo de pesquisa “Design didático para o letramento bilíngüe de crianças surdas” do Laboratório de Pedagogia do Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio que desenvolve uma pesquisa em parceria com o INES – Instituto Nacional de Educação do Surdos no Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de vivenciar todas as etapas do processo projetual de um material educativo para auxiliar a alfabetização de crianças surdas, tanto em LIBRAS como na Língua Portuguesa. Este processo de desenvolvimento esteve pautado no enfoque metodológico do Design em Parceria, que por sua vez incorpora os preceitos da pesquisa-ação, onde a equipe de projeto se propõe a um mergulho na práxis do grupo social em estudo gerando um processo de reflexão-ação coletivo. Como já foi analisado no capítulo 2, o diferencial deste método é considerar a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, não apenas para um registro e posterior interpretação: a voz do sujeito compõe a tessitura da metodologia de investigação. Como esta linha de pesquisa continua em andamento e o objeto planejado encontra-se em fase de finalização integrando o *corpus* de um outro estudo, descrevo o projeto em linhas gerais e narro minha experiência de participação no grupo discutindo a vivência neste processo metodológico e apresentando algumas conclusões preliminares.

Logo, aproximei-me do objeto de pesquisa através de dois métodos distintos, porém qualitativos: realizei entrevistas e vivenciei uma pesquisa-ação. Neste capítulo discutirei os dois métodos em questão e nos próximos apresentarei, respectivamente, os resultados da análise de conteúdo e da pesquisa-ação.

5.1

Metodologia para a análise de conteúdo

5.1.1

Recorte espaço-temporal

Através de uma análise de conteúdo realizada a partir de entrevistas com profissionais que trabalham em diferentes setores desenvolvendo projetos de Design

da Informação voltados a abordar questões de interesse público, busquei esclarecimentos acerca do desenvolvimento destes projetos. Mais do que somente expor uma série de exemplares produzidos sob esta orientação, minha intenção é, a partir de diálogos com pessoas neles envolvidas, compreender *como* e *com que finalidade* estes objetos foram desenvolvidos. De certa forma, um pouco além, um propósito particular desta pesquisa é obter uma melhor compreensão desse processo projetual como um todo: demandas, propósitos de projeto, metodologias de abordagem, desenvolvimento, implementações e avaliações.

Como estes projetos podem ser desenvolvidos por esferas da sociedade bastante distintas – como instituições públicas, instituições privadas, ONGs e Instituições acadêmicas – para dar conta do estudo e da compreensão de discursos diferentes, tive que buscar o suporte de um instrumento que se adequasse a estes objetivos de pesquisa, possibilitando tanto a liberdade de expressão das pessoas envolvidas como também um eficiente método de análise e comparação dos discursos obtidos. Por isso, lancei mão da técnica de análise de conteúdo, utilizando como corpus principal, entrevistas abertas semi-estruturadas que oferecem a possibilidade de comparações sistemáticas das falas dos entrevistados, como poderá ser visto mais adiante.

A análise de conteúdo, segundo Bauer & Gaskell (2002), é uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social onde, embora alguns exemplos apresentem descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, assumem atenção especial os *tipos*, *qualidades* e *distinções* do conteúdo. Reforçando esta idéia, Bardin (1977 *apud* Couto, 1998)² define a análise de conteúdo como qualquer técnica utilizada para fazer inferências através da identificação objetiva e sistemática de características específicas da mensagem podendo-se apresentar os resultados através de indicadores quantitativos e qualitativos. Sobre sua validade, Bauer & Gaskell (2002), comentam, que não deve ser julgada como uma “leitura verdadeira” do texto, porém, deve ser avaliada conforme sua fundamentação nos materiais pesquisados e em sua congruência com a teoria do pesquisador à luz do objetivo de pesquisa. Vele acrescentar que a análise de conteúdo é usada para construir índices e, se focada na fonte ou emissor da mensagem, como é o caso nesta pesquisa, o texto é tido como uma forma de expressão. Neste caso, o *corpus* de texto

² COUTO, R. **Movimento Interdisciplinar de designers Brasileiros em Busca de Educação Avançada**. Rio de Janeiro, 1997. 220p. Tese de Doutorado Departamento de Educação, PUC-Rio.

é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve, e o resultado da análise de conteúdo é a variável dependente, a coisa a ser explicada. O *corpus* de texto contém traços do conflito e do argumento e a análise de conteúdo permite construir indicadores, cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Especificamente, por estes motivos, escolhi a análise de conteúdo como suporte para a interpretação dos dados.

Princípios do delineamento	Geração de dados	Interpretação dos dados	Interesse de conhecimento
Levantamento por amostragem	Entrevista individual	Análise de conteúdo	Construção de consenso

Gráfico 1 – Pretensões da Análise de Conteúdo

Para realizar a análise de conteúdo, percorri cinco etapas distintas. Primeiramente, desenvolvi um levantamento tentando identificar os setores da sociedade que produzem projetos de Design da Informação voltados à atender um interesse público. A partir do levantamento de dados, pude identificar tanto projetos como instituições que os desenvolveram. Depois, alguns critérios foram definidos para refinar a seleção. A partir daí, passei para a segunda etapa, onde tentei estabelecer contato com todas as instituições pré-selecionadas no estágio anterior a fim de realizar as entrevistas. Uma parcela significativa das instituições pré-selecionadas retornou o contato e pude então estabelecer uma amostragem viável para a proposta de pesquisa. Na terceira etapa, realizei as entrevistas com as equipes desenvolvedoras dos projetos. Na quarta etapa, transcrevi e explorei sistematicamente as entrevistas de modo a preparar as evidências para a próxima e última etapa onde, concretamente, desenvolvi a interpretação dos dados.

Estes foram, então os passos percorridos:

- Levantamento amplo e refinamento de dados;
- Estabelecimento de contato;
- Entrevistas;
- Transcrição e exploração sistemática de dados;
- Interpretação dos dados.

5.1.2

Levantamento amplo e refinamento de dados

Numa pesquisa qualitativa sabe-se que a qualidade das informações obtidas depende diretamente de uma criteriosa seleção dos entrevistados. Mas, como escolhê-los? Antes mesmo do início da pesquisa eu já havia identificado vários projetos e pesquisas brasileiros interessantes na área do Design da Informação para questões de utilidade pública. Destes, é possível citar as campanhas veiculadas em diversas mídias sobre a prevenção e o tratamento da AIDS desenvolvidas pelo Ministério da Saúde, Kits educativos produzidos por ONGs, projeto de sinalização urbana e turística da cidade de Curitiba, dentre vários outros. Porém, como minha intenção, desde o início, era estabelecer um diálogo próximo à equipe que desenvolveu o projeto, o primeiro critério de seleção já estava estabelecido: projetos desenvolvidos dentro do recorte espacial da Cidade do Rio de Janeiro para viabilizar e garantir o acesso aos entrevistados.

Porém, ainda era necessário delimitar mais especificamente meu universo de pesquisa. Determinei que, para obter informações mais recentes dos entrevistados, os projetos deveriam ter sido produzidos nos últimos 10 anos, ou seja, a partir do ano de 1996. Estava determinado meu universo: projetos de Design da Informação para situações de utilidade pública que tivessem sido produzidos no Rio de Janeiro nos últimos 10 anos.

Minhas fontes de dados foram diversificadas: publicações de associações de Design com ilustrações de projetos; artigos diversos; projetos acadêmicos: monografias, dissertações e teses; publicações – revistas e jornais – na área do Design e em diversas outras áreas; sites de empresas; revistas especializadas no terceiro setor; ONGs; associações de ONGs; publicações, sites e programas de TV e rádio; diversas mídias do setor público etc. Além de recolher este conteúdo, participei de um seminário sobre Comunicação Visual para o Terceiro Setor e de fóruns de discussão *on-line* sobre projetos de responsabilidade social; estive presente em congressos, palestras, seminários etc. que estivessem relacionados, de alguma maneira a este âmbito; recolhi um sem número de folhetos e demais tipos de material promocional relacionados aos temas de saúde pública, segurança, educação etc.

Um amplo universo foi detectado: é bem verdade que a grande maioria encontrada era proveniente de projetos de ONGs. Numa nova tentativa de melhor qualificar minha amostra, optei por abordar projetos que demonstrassem em seu desenvolvimento e apresentação um grau de complexidade moderado. Deste modo, comecei a descartar certas categorias de projetos mais efêmeros ou mesmo que não dessem conta de atender a uma investigação acerca da finalidade e metodologia aplicadas, tais como: boletins, folders, informativos, logotipos, *banners*, sites ou outro material promocional ou de divulgação da própria instituição. Porém, novamente, o resultado foi um número de projetos/instituições inviável de ser abordado por uma pesquisa qualitativa.

A esta altura, decidi criar um novo critério de seleção da amostragem. Considerando a intenção de uma melhor compreensão do âmbito dos projetos de Design da Informação que se dedicam à utilidade pública, percebi que seria necessário investigar projetos provenientes de diferentes setores da sociedade. Tal recorte foi adotado justamente para observar se existiam recorrências, divergências etc., entre quaisquer instâncias abordadas, não sendo, sobretudo, a intenção da pesquisa compreender ou gerar um conhecimento sobre discursos provenientes de setores específicos. Neste ponto ficou estabelecido que eu deveria pesquisar projetos/instituições que fossem representantes de quatro tipos diferentes de instâncias sociais: instituições públicas, instituições privadas, ONGs e instituições de ensino e pesquisa. Ou seja, dentro dos critérios estabelecidos, eu deveria buscar, respectivamente, projetos desenvolvidos pela prefeitura do Rio de Janeiro e/ou pelo próprio Estado; projetos desenvolvidos por empresas; projetos desenvolvidos por representantes da sociedade civil organizada e projetos desenvolvidos em pesquisas acadêmicas.

Neste momento, um critério que utilizei, principalmente para recortar o universo das ONGs³ que ainda se encontrava bastante extenso, foi o da constatação/declaração na própria apresentação ou divulgação do objeto, da presença de um designer na equipe de projeto ou da terceirização desta atividade. Sabe-se que diversos projetos de comunicação visual são desenvolvidos por outro tipo de profissional, como publicitários ou mesmo pessoas sem uma formação

³ Vale comentar que para selecionar os projetos provenientes de ONGs, inicialmente, recorri às instituições desta natureza associadas à Abong, que é a Associação Brasileira de ONGs.

específica. Porém, para travar um diálogo mais próximo, optei por utilizar mais este critério, que nunca foi um critério eliminatório por assim dizer, sendo somente um fator preferencial.

Com estas restrições pude enxugar bastante meu *universo pesquisável* e obtive um levantamento mais próximo das minhas possibilidades de pesquisa. Classifiquei tal universo como *Levantamento enxuto*, que compreendia 3 instituições públicas, 6 instituições privadas, 25 ONGs e 1 projeto acadêmico.

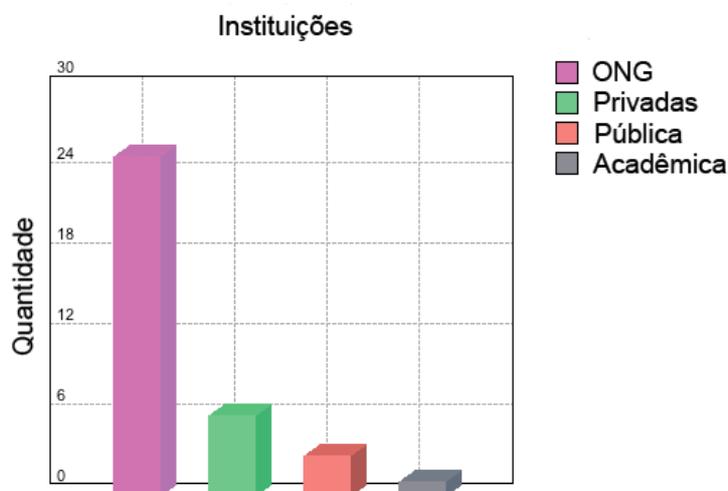


Gráfico 2 - Instituições após o levantamento enxuto

Merece esclarecimento o fato de que, com este esforço para delimitar o universo pesquisável, nunca é possível encontrar dentro destes critérios todos os projetos que o representam, pela natural inviabilidade de tempo e abrangência da pesquisa, porém inversamente, é possível garantir que todos os projetos selecionados cumprem estes critérios.

A esta altura, restava a dúvida sobre quantas entrevistas realizar. Segundo Bauer & Gaskell (2002), há um número limitado de interpretações ou versões da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais mais amplos. É possível dizer, ainda conforme este autor, que as representações de um tema de interesse comum, ou de

pessoas de um meio social específico, são, em parte, compartilhadas. Partindo deste argumento, determinei, segundo os objetivos e restrições da pesquisa, que a análise de conteúdo seria realizada com quatro entrevistas representativas dos quatro setores estudados, independente do número de entrevistas que conseguisse realizar.

5.1.3

Estabelecendo contato

Ao final da etapa anterior eu tinha em mãos um levantamento identificando instituições, classe (Instituição Pública, Instituição Privada, Instituição Acadêmica ou ONG), um pequeno descritivo sobre a instituição, tipo de projetos desenvolvidos, contatos e uma lacuna para comentários particulares. Chegava a hora de tentar estabelecer contato com todos estas equipes. Optei pelo contato por e-mail, já que todas as instituições possuíam esta ferramenta de comunicação. Redigi um e-mail me apresentando e fazendo uma breve introdução a pesquisa. Solicitava a colaboração da instituição através da concessão de entrevista e ao final agradecia o provável retorno, assinalando que qualquer material utilizado teria a autoria devidamente identificada. Durante o período de junho a agosto de 2006, dos 34 e-mails que enviei, consegui o retorno de 17. Dos que retornaram, consegui agendar entrevista com 11.

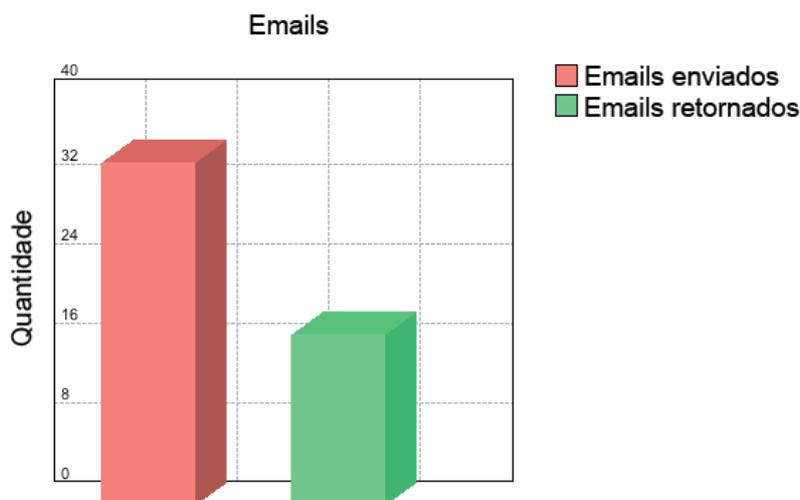


Gráfico 3 - Percentual de resposta dos emails enviados

5.1.4

Entrevistas

A finalidade de uma pesquisa qualitativa não é computar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão. Portanto, optei por utilizar um roteiro bem estruturado em sua concepção, porém flexível na aplicação com o intuito de gerar conversas mais ou menos naturais.

Segundo Bauer & Gaskell (2002), o emprego da entrevista qualitativa serve para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes. Ela fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. Utiliza-se este artifício quando o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Estes eram justamente, os quesitos a serem abordados ao investigar como e com que propósitos os projetos analisados eram desenvolvidos.

Partindo destas intenções, o roteiro de pesquisa utilizou perguntas abertas semi-estruturadas, o que permitiu um diálogo aberto e com qualquer tipo de resposta onde pude, sempre que necessário, fazer intervenções (do tipo: “como?” “explique melhor...”). Não sendo a ordem das perguntas estabelecidas *a priori*, pude desenvolver uma conversação mais dinâmica, entretanto, todos os itens foram abordados com todos os entrevistados.

As 11 entrevistas foram realizadas por mim nos locais e horários previamente combinados com os entrevistados. As três primeiras, pelo motivo de estar familiarizando-me com a técnica, adotei como sendo minhas entrevistas piloto. Dessa forma, obtive o total de oito entrevistas: 4 com ONGs, 2 com Instituições privadas, 1 com Instituição pública e mais 1 com Instituição acadêmica. Levando em consideração que uma amostra pequena, sistematicamente selecionada, é muito mais significativa para uma análise de conteúdo do que uma grande amostra escolhida ao acaso (Bauer & Gaskell, 2002), de posse deste material, como definido na etapa anterior, selecionei as quatro entrevistas a serem transcritas e interpretadas. O critério de seleção estabelecido foi: 1 - relevância e abrangência da temática abordada nos

projetos da instituição e 2 - presença de ao menos um designer na equipe de projeto. A partir de então meu *corpus* de pesquisa para a análise estava selecionado.

5.1.5

Transcrição e exploração dos dados

Antes de transcrever as quatro entrevistas selecionadas, passei um bom tempo ouvindo cada uma delas e relendo todo o material das anotações, com o intuito de conhecê-las intimamente durante a transcrição, uma vez que é necessário um engajamento profundo com o material para produzir uma boa transcrição (Jefferson, apud Gill, 2002)⁴. Este movimento permitiu-me perceber certas nuances que no decorrer da conversa não havia me dado conta. Pude perceber, por exemplo, a preferência por determinadas expressões por parte de cada entrevistado. Conforme Gill (2002) a linguagem não é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, já que o discurso tem importância central na construção da vida social. Para explorar as entrevistas parti de alguns pressupostos que me orientaram quanto a análise de discursos:

- A postura crítica em relação ao conhecimento dado, aceito sem discussão e ceticismo quanto a visão de que as observações do mundo revelam a natureza autêntica do locutor;
- O reconhecimento de que as maneiras como normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas;
- A convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo, mas pelos processos sociais;
- O compromisso de explorar as maneiras e os conhecimentos – a construção social das pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados à ações práticas.

Logo, esgotada a fase de exploração do material transcrevi as entrevistas e passei para a fase de codificação e classificação dos materiais colhidos na amostra.

⁴ GILL, R. Análise de Discurso. *In*: M. BAUER e G. GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 244-270.

5.1.6

Procedimentos de codificação das unidades de registro

Segundo Bauer & Gaskell (2002), um referencial de codificação é um modo sistemático de comparação. Ele é um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais, e do qual o codificador consegue respostas, dentro de um conjunto predefinido de alternativas – valores de codificação. Embora o corpus de texto esteja ligado a uma variedade de possíveis questões, a análise de conteúdo deve interpretar o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. A análise de conteúdo representa o que já é uma representação, ligando o pesquisador a um texto e a um projeto de pesquisa. Portanto, a análise de conteúdo não é a última palavra em nenhum texto, mas um encontro objetivado através da sistematicidade e referenciação para além de si, em direção a outros textos e atividades de pesquisa (Bauer & Gaskell, 2002).

Conseqüentemente, a utilização de módulos é um estratagema na construção de um referencial de codificação que garante tanto a eficiência, como a coerência. Um módulo é um bloco bem estruturado de um referencial de codificação que é usado repetidamente. Um referencial de codificação serve tanto como guia para o codificador como um documento do processo de pesquisa (Bauer & Gaskell, 2002). Nesta pesquisa utilizo a codificação proposta por Bardin (*apud* Couto, 1998): unidades de contexto, unidades de registro e unidades de análise. Segundo este autor, a unidade de registro é o seguimento do texto que pode ser caracterizado como uma ocorrência de evento de interesse para o objetivo da pesquisa, enquanto que a unidade de contexto é um segmento da mensagem, de dimensão maior que a extensão da unidade de registro, que ajuda a compreender a significação desta. Partindo destes conceitos passei a realizar três atividades paralelas que se interpenetraram:

- defini a forma das unidades de análise, ou seja, da unidade de registro e da unidade de contexto;
- defini os sistemas de categorias e de codificação das entrevistas, das categorias e das unidades de registro
- realizei várias leituras dos documentos do corpus principal e identifiquei as unidades de registro.

Conforme esta codificação, decidi que classificaria cada uma das quatro entrevistas com letras maiúsculas: A, B, C e D. Como unidade de contexto defini a utilização de um segmento do corpus principal em análise que abordasse os temas explorados na entrevista classificados com números ordinais: 1, 2, 3, 4 e 5. Como unidade de registro destacaria um segmento do corpus de análise em forma de frase ou parágrafo que, dentro da unidade de contexto, contivesse uma declaração de interesse para os objetivos da pesquisa. Este segmento ficou classificado com letras minúsculas: a, b, c, d etc.. Desta forma a frase seria interpretada no contexto do parágrafo e o parágrafo no contexto do segmento do corpus principal de análise.

5.1.7

Sistema de categorias de análise

Todo o processo de análise de conteúdo desenvolvido buscou coerência com o objetivo principal desta dissertação, que é sedimentar conhecimentos sobre o âmbito do desenvolvimento de projetos de Design da Informação para situações de interesse público. Para tal, faltava definir as categorias de análise. Segundo Bardin, na análise de conteúdo as categorias podem ser definidas *a priori* ou *a posteriori*. A categorização que compus e que serviu como suporte da análise de conteúdo dos depoimentos, *a priori*, esboçava como categorias de análise, palavras-chave contidas nas próprias perguntas. Num segundo momento, após escutar e ler sistematicamente as entrevistas identifiquei novas categorias de interesse para a pesquisa. Por fim, delimitei o âmbito de cada categoria com outras novas palavras-chave emergentes da exploração das entrevistas que contribuíram na abordagem da categoria em questão. Deste modo, o sistema de categorias foi então definido, para facilitar a interpretação do corpus de pesquisa.

Categorias *à priori*:

- Âmbito / amplitude da instituição / área de atuação / citação de projetos
- Finalidade / propósito / objetivo do material
- Metodologia / como / método / tempo / parceria / público / contato
- Participação / o outro / método interdisciplinar
- Retorno / avaliação

Categorias *à posteriori*:

Âmbito área de atuação da instituição

Esta categoria procurou analisar a quem se dedica a instituição, abordando qual é sua área de atuação e que tipos de projetos ela desenvolve. Portanto, as declarações abrangem descritivos do estabelecimento, citação de projetos, profissionais envolvidos e ações praticadas. Apresenta 33 unidades de registro.

Demanda

Esta categoria aborda a origem da demanda pelos projetos desenvolvidos nas instituições estudadas. Por isso, inclui citações sobre quem solicita os projetos, podendo ser um cliente, um patrocinador ou uma entidade qualquer com uma demanda. Apresenta 27 unidades de registro.

Finalidade

Esta categoria abarca declarações sobre os objetivos e a finalidade dos materiais desenvolvidos. Pretende-se averiguar as temáticas específicas abordadas por projetos de Design de informações dentro do campo da utilidade pública. De forma mais ampla, pretende-se avaliar os propósitos que orientam o desenvolvimento desta classe de projetos de Design. Expressa 47 unidades de registro.

Convergência

Esta categoria, criada *a posteriori*, analisa a forma como os materiais desenvolvidos são apresentados ao público. Ela foi criada justamente porque, no momento em que analisei as entrevistas, pude detectar que todos os entrevistados utilizavam uma série de palavras de significado semelhante ao falar da maneira como se apresenta ao público o material por eles desenvolvido. A categoria aborda 14 unidades de registro.

Metodologia

Esta categoria avalia conceitos significativos para a pesquisa, pois se dedica a analisar o processo de desenvolvimento projetual efetuado por cada instituição. Desta forma, sempre que possível, foram estudadas as metodologias empregadas, as etapas do processo projetual, a participação da equipe e a divisão de tarefas, as relações de trabalho, a participação de outras pessoas no projeto – consultores, público etc – e outras informações relevantes desta qualidade proferidas pelos entrevistados. A categoria aborda 66 unidades de registro.

Público

Esta categoria tem a intenção de avaliar o que declaram os entrevistados a respeito do público a ser atingido. Procura-se identificar se existem parcelas particulares da sociedade que são comumente contempladas com os projetos de Design da Informação em situações de interesse público. Também se investiga qual é a relação das equipes de Design com o público destinatário dos projetos. Consiste em 4 unidades de registro.

Avaliação

Esta categoria destina-se a discutir se existe preocupação, por parte das instituições abordadas, em avaliar como o público recebeu e se relacionou com o objeto. Ou seja, pretende-se averiguar se estas instituições avaliam a efetividade dos projetos desenvolvidos. Esta categoria envolveu 8 unidades de registro.

As declarações de interesse identificadas como unidades de registro encontram-se no Anexo II devidamente codificadas.

5.2

Metodologia para o Design em Parceria

Como descrito no início do capítulo, para abordar o objeto de pesquisa, decidi-me por utilizar dois métodos de pesquisa. No segundo momento da pesquisa me propus a participar, durante os dois últimos, anos do grupo de pesquisa “Design didático para o letramento bilíngüe de crianças surdas” do Laboratório de Pedagogia do Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio em parceria com o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde tive a oportunidade de vivenciar todas as etapas do processo projetual de um material educativo para auxiliar a alfabetização de crianças surdas, tanto em LIBRAS como na Língua Portuguesa. Todo o processo de desenvolvimento esteve pautado no enfoque metodológico do Design em Parceria, que por sua vez, dentro das classificações de métodos de pesquisa, incorpora os preceitos da pesquisa-ação.

A partir de encontros com profissionais da Divisão de Fonoaudiologia do INES/RJ para geração de idéias de temas a serem trabalhados, foi definido o recorte do universo de pesquisa, crianças na faixa etária entre 7 e 12 anos, matriculadas em classes de alfabetização do Instituto. Esta opção possibilitou a escolha dos temas e da linguagem a ser trabalhada.

Para o desenvolvimento do material educativo proposto, dentro dos preceitos do Design em Parceria, o grupo optou por utilizar como instrumentos principais de pesquisa a observação participante em sala de aula e entrevistas semi-estruturadas com fonoaudiólogos e professores. Desenvolveu-se, uma pesquisa bibliográfica que fundamentou os achados da pesquisa. Como já mencionado, o enfoque metodológico pauta-se nos desígnios da pesquisa-ação.

5.2.1

Pesquisa-ação

Segundo, Franco (2005)⁵, este método de pesquisa origina-se nos trabalhos de Kurt Lewin, descrito em 1946 dentro de uma abordagem de pesquisa experimental de campo, assumindo como finalidade a melhoria da prática educativa docente. Este método tem como pressupostos um conjunto de valores como: a construção de relações democráticas; a participação dos sujeitos; o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos das minorias; a tolerância a opiniões divergentes; e ainda a consideração de que os sujeitos mudam mais facilmente quando impelidos por decisões grupais.

Kincheloe (1997, *apud* Franco, 2005) afirma que a pesquisa-ação, que é crítica, rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo.

Conforme Franco (2005), a condição para ser pesquisa ação crítica, é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas

⁵ FRANCO, M. Pedagogia da pesquisa-ação. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. n. 3, p. 483-502, 2005.

latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo, onde deve haver uma imprevisibilidade nas estratégias a serem utilizadas.

Sobre a postura do pesquisador diante da investigação, a autora comenta que se considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro posterior e interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Neste caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. A autora destaca, que parte daí a ênfase no caráter formativo desta modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. Desta forma, a metodologia assume um caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas às mudanças e reorganizam sua autoconcepção de sujeitos históricos.

Segundo Lewin (*apud* Franco 2005), a pesquisa ação deve partir de uma situação social concreta a modificar e, mais que isso, deve se inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa. Ainda conforme o autor, os fenômenos de grupo não revelam as leis internas de sua dinâmica, senão aos pesquisadores dispostos a se engajar pessoalmente e a fundo neste dinamismo em marcha, a respeitar-lhe os processos de evolução nos sentidos definidos que a História lhe imprime e, assim, favorecer-lhe, ao máximo, que se ultrapasse.

Vale ressaltar que para Lewin o pesquisador só deve tentar modificar a dinâmica de um grupo a partir do consentimento explícito de seus membros. Dessa maneira, o pesquisador deve assumir constantemente os dois papéis complementares: de pesquisador e de participante do grupo, caminhando em direção a uma situação dialógica da consciência dos sujeitos em direção à mudança de percepção e de comportamento de todos os envolvidos.

A pesquisa-ação é um processo cíclico, ou “em espiral”, que envolve três fases, segundo Lewin: 1 – planejamento – reconhecimento da situação; 2 – tomada de decisão; 3 – encontro de fatos sobre o resultado da ação. Este encontro de fatos da

terceira fase deve ser incorporado como fato novo na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente.

Sintetizando, a pesquisa-ação possui três dimensões principais:

Ontológica: pretende-se conhecer a realidade social, foco da pesquisa, de forma a transformá-la;

Epistemológica: é incompatível com uma abordagem positivista uma vez que requer um aprofundamento na intersubjetividade da dialética do coletivo. Este tipo de pesquisa não pensa-se neutro ou autônomo em relação à realidade social.

Metodológica: privilegia uma metodologia que instaure no grupo uma dinâmica de princípios e práticas dialógicas, participativas e transformadoras:

- Deve-se, na escolha metodológica, rejeitar noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade (Carr; Kemmis, 1986);
- A práxis social é ponto de partida e de chegada na construção / resignificação do conhecimento;
- O processo de conhecimento se constrói nas múltiplas articulações com a intersubjetividade em dinâmica construção;
- A pesquisa-ação deve ser realizada no ambiente natural da realidade a ser pesquisada;
- A flexibilidade de procedimentos é fundamental e a metodologia deve permitir ajustes e caminhar de acordo com as sínteses provisórias que vão se estabelecendo no grupo;
- O método deve contemplar o exercício contínuo de espirais cíclicas: planejamento; ação; reflexão; pesquisa; resignificação; replanejamento, ações cada vez mais ajustadas às necessidades coletivas, reflexões etc (Franco, 2005).

Para a fase de planejamento, a equipe de pesquisa do LPD – PUC-Rio faz reuniões semanais onde discute as questões teóricas e práticas para o desenvolvimento dos objetos. Após as discussões, tarefas são subdivididas entre os participantes do grupo. Conforme a tarefa recebida, os participantes dirigem-se ao INES para, observar, desenvolver entrevistas, fotografar, dialogar etc., com alunos, professores ou consultores da instituição. Com base nestas informações, partindo para a fase de tomada de decisão, desenvolvem-se alternativas projetuais com base nos dados obtidos. Na terceira fase do ciclo metodológico – encontro de fatos sobre o resultado da ação –, volta-se ao INES para testar as alternativas e obter novos *inputs* para dar seqüência e aperfeiçoar o projeto.

No presente, estão sendo configurados as versões finais de dois objetos didáticos, um concreto e outro virtual, de acordo com as seguintes etapas, comuns a ambos: 1. escolha do tema; 2. elaboração de roteiros; 3. estudo de similares; 4. geração e análise de idéias de solução; 5. escolha de partidos de solução; 6. construção de protótipos; 7. realização e experimentação de protótipos.